

Rauvolfia sellowii Müll. Arg.

(casca d'anta, casca de anta, jasmim grado)

Família: Apocynaceae

Sinônimos: *Aspidosperma spegazzinii*

Endêmica: sim³

Bioma/Fitofisionomia: Mata Atlântica⁸

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

A casca-d'anta é uma árvore exuberante e frondosa, com alturas entre 4 a 25 m, que ocorre naturalmente em solos úmidos e de alta fertilidade química. Pode ser empregada no paisagismo, em ambientes de pouca circulação, pois seus ramos quebram facilmente com a ação do vento. Suas flores são perfumadas e melíferas. Sua madeira, embora seja fácil de trabalhar, é de baixa durabilidade natural, podendo ser empregada na confecção de artefatos leves como brinquedos e caixas.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (brinquedos, caixotaria, celulose e papel, forro e teto), produtos não madeireiros (apícola, recurso para fauna, medicinal, ornamental, alcalóides)^{1,7}

Características gerais

Porte: altura 4.0-25.0m DAP 30-50cm^{7,1,6,5}

Cor da floração: branca^{4,5,1,6}

Flores com cor branco-amarelada, creme-amarelada, branca-esverdeada, creme.

Velocidade de desenvolvimento: Moderada, Rápida^{7,1}

Atingiu produção volumétrica de até 18,90 m³/ha/ano aos 7 anos de idade, em Rolândia, PR.

Persistência foliar: Perenifolia, Semidecídua^{1,7}

Sistema radicular: -

Formato da copa: -

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Tortuoso¹

Superfície do tronco: Fissurada^{1,2}

Tipo de fruto: Carnoso indeiscente (Drupa)^{2,6,1}

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim¹

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: -

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária inicial, Secundária tardia^{10,1}

Polinizadores: Polinizada por insetos (KOCH, 2002). Outros visitantes frequentes são: moscas da espécie *Ornidia obesa* (Syrphidae) e borboletas da espécie *Vehilius inca* (Hesperiidae) (CARVALHO, 2008).^{1,6}

Período de floração: setembro a novembro²

Tipo de dispersão: Zoocórica^{9,10}

Agentes dispersores: Aves.¹

Período de frutificação: novembro a maio^{2,5}

Frutos em fevereiro (SANTOS, 1998); de novembro a maio (KOCH, 2005).

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore ou no solo⁷

Os frutos podem ser semeados, não havendo necessidade de despulpá-los. Para o armazenamento, é conveniente que os frutos permaneçam amontoados por alguns dias para a remoção da polpa. Em seguida, lavá-los em água corrente dentro de uma peneira e deixá-los secar à sombra.

Tipo de semente: -

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento^{1,7}

Produção de mudas: Recipientes individuais¹

As sementes devem ser colocadas para germinar em recipientes de tamanho médio.

Tempo de germinação: 30 a 50 dias^{1,7}

Taxa de germinação: 60%^{7,1}

Número de sementes por peso: 12000/kg⁷

Exigência em luminosidade: Exigente em luz^{7,1}

Bibliografia

¹ CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2008. v. 3, 593 p.

² KOCH, I. Rauvolfia L. In: WANDERLEY, M. das G. L.; SHEPHERD, G. J.; MELHEM, T. S.; GIULIETTI, A. M. (Ed.). Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: FAPESP: RiMa, 2005. v. 4, p. 78-79.

³ KOCH, I.; RAPINI, A.; KINOSHITA, L. S.; SIMÕES, A. O.; SPINA, A. P. Apocynaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 19 ago. 2013.

⁴ ELETRICIDADE DE SÃO PAULO S/A - ELETROPAULO. Guia de planejamento e manejo da arborização urbana. São Paulo: Eletropaulo: Cesp: CPFL, 1995. 38 p.

⁵ SANTOS, K. dos. Flora arbustivo-arbórea do fragmento de floresta estacional semidecidual do Ribeirão Cachoeira, Campinas, SP. 1998. 266 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998.

⁶ KOCH, I. Estudos das espécies neotropicais do gênero Rauvolfia L. (Apocynaceae). 2002. 298 f. Tese (Doutorado em Biologia Vegetal) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2002.

⁷ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

⁸ KOCH, I.; RAPINI, A.; KINOSHITA, L. S.; SIMÕES, A. O.; SPINA, A. P. Apocynaceae In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: . Acesso em: 11 fev. 2014.

⁹ MIKICH, S. B.; SILVA, S. M. Composição florística e fenologia das espécies zoocóricas de remanescentes de floresta estacional semidecidual no centro-oeste do Paraná, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 15, n. 1, p. 89-113, 2001.

¹⁰ ARZOLLA, F. A. R. D. P.; VILELA, F. E. S. P.; PAULA, G. C. R.; SHEPHERD, G. J. Regeneração natural de clareiras de origem antrópica na Serra da Cantareira, SP. Revista do Instituto Florestal, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 155-169, jun. 2010.